

Dívida imporá mais sacrifícios

A dívida é o flagelo brasileiro. Ela imporá mais um sacrifício à população em 1988, senão vários. Nesta segunda-feira os negociadores brasileiros entregaram aos credores novas condições para a sua negociação. Foi refeita a projeção de crescimento para menos este ano para pedir menos dinheiro aos banqueiros. Uma estratégia mais conservadora capaz de apressar um acordo para rarefazer o clima político tenso que se avizinha caso a dívida se transforme num caso político agudo num ano eleitoral. Isso nada interessa ao Presidente, em campanha para assegurar o mandato de cinco anos.

Bresser tinha feito uma previsão de crescimento de 6,2 por cento do produto interno em 1988. Mailson está trabalhando com 4 por cento. Os banqueiros acham 3,5 por cento mais realista. Dessa forma o ministro abrirá mão de cerca de 2 bilhões de dólares para o financiamento dos juros da dívida. Pode ser que em face dessa perspectiva que lhes exigirá menos

prejuízo os bancos concedam um acordo para o Preidente apresentar à sociedade na impossibilidade de obter coisa melhor.

O repórter Ademar Shiaraichi obteve uma importante informação na última semana, junto ao Banco Central: os economistas do Governo estão convencidos de que no primeiro semestre a economia entrará em recessão — a inflação poderá recuar abaixo dos 10 por cento até julho, porém, às custas de violenta redução das atividades em geral. A informação bate com a disposição do Governo de pedir menos dinheiro aos banqueiros, através de imposição de restrições maiores ao crescimento econômico.

A estratégia adotada pelo presidente Sarney deixa claro que o Governo decidiu que ter um acordo a qualquer custo com os banqueiros e com o FMI é melhor do que não ter acordo nenhum e manter-se marginalizado pela comunidade financeira internacional e principalmente pelo go-

verno americano que não está brincando com o Brasil em 1988 ao insistir em impor-lhe taxações comerciais violentas. Se consumadas estas, evidentemente, a recessão se aprofundará mais em face do modelo exportador em vigor. Vivemos, pois, a partir dessa semana, mais intensamente, o perigo da combinação de duas ameaças: crescer menos, para tentar conseguir financiar a dívida, e sofrer a iminência de ataques comerciais. A disposição dos EUA de aumentar suas exportações, desvalorizando o dólar e promovendo o protecionismo comercial, indica que ficará cada vez mais difícil amearhar dólares nas exportações para servir aos bancos. Mais difícil igualmente, ficará o relacionamento do Brasil com os banqueiros. No final do século XX o mundo capitalista se prepara para a escalada do neomercantilismo violento. Advinhem quem ganhará essa briga e quem pagará a conta? Talvez por isso os históricos do PMDB estejam tão desconfortados.